

# A LOGICIDADE E A CONSTRUTIVIDADE DOS ERROS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Coordenação: Neide Varela Santiago\*

Pesquisadores: Márcia Maria Tresse de Melo Silva\*

Maria Joana D'Arc Silveira de Medeiros\*

Iris Gomes Dantas\*

Auxiliares de

Pesquisa: Cláudia da Silva Farache\*\*

Clemens Cavalcante de Oliveira\*\*


Mércia Dias Lopes\*\*

Maria Hildenira Ferreira Cunha\*\*

---

\* Professores do Departamento de Educação da UFRN

\*\* Alunos da UFRN



A pesquisa "A logicidade e a construtividade dos erros no processo de alfabetização" está sendo realizada por professores e alunos bolsistas do CNPq e UFRN, e se insere entre trabalhos desenvolvidos no Núcleo Temático de Alfabetização do Programa de Pós-Graduação e do Departamento de Educação – UFRN, estando, o estudo em questão, na fase de análise dos dados para a elaboração de relatório final.

O marco teórico do trabalho situa-se nos estudos realizados pela professora Emília Ferreiro sobre os níveis de aquisição da escrita. A autora baseia-se nos níveis de desenvolvimento da lógica infantil, sistematizados pelo epistemólogo Jean Piaget e estabelece uma relação entre a forma como se constrói o conhecimento e as tentativas de pensamento que o indivíduo realiza para representar a escrita nos momentos iniciais do seu desenvolvimento.

Considerando, pois, a participação ativa do indivíduo no processo de construção do conhecimento, e a escrita como um sistema de representação conceitual, Ferreiro e Teberosky (1986) defendem o ponto de vista de que, nesta caminhada em busca da representação alfabética da linguagem, a criança organiza sua experiência com o objeto de conhecimento a partir de níveis de desenvolvimento.

A evolução de um nível de representação a outro não acontece de forma linear. O processo de aprendizagem da escrita se dá de forma complexa, e, na passagem de uma etapa para outra, o indivíduo realiza esforços e produz idéias. Estas produções escritas são, portanto, compatíveis com o nível de sua lógica interna.

Neste processo de construção psicogenética da escrita, o indivíduo vai cometendo erros. Para Ferreiro e Teberosky (1986), o erro representa um papel construtivo na aquisição deste conhecimento, porque expressa um modo de relação com os materiais lingüísticos. Esta forma de interagir tem uma relação direta com o nível de compreensão do indivíduo.

Esta perspectiva de interpretar o erro é também uma questão de natureza pedagógica. Diante do erro, o professor é chamado a assumir uma atitude, e a forma pedagógica de se relacionar com o erro pressupõe o seu entendimento sobre o processo de construção do conhecimento, bem como a sua concepção sobre o processo de alfabetização.

Compete, pois, ao professor alfabetizador interpretar a produção escrita, considerando-a uma lógica em construção, bem como as experiências de vida que a criança desenvolve fora do contexto escolar. Estas experiências vão repercutir de modo positivo ou negativo na forma como o indivíduo interage com os conteúdos sistematizados pela escola.

Considera-se, portanto, que a aprendizagem da escrita, como qualquer aprendizagem, é um processo ativo, evolutivo, tornando-se necessário que a criança crie, invente, experimente, e, principalmente, construa à sua maneira esse tipo de conhecimento.

Considera-se, finalmente, que não existe aprendizagem sem erros. Os erros são necessários, construtivos, reversíveis e proporcionam desenvolvimento quando são trabalhados adequadamente em função da aprendizagem.

O presente estudo objetiva investigar a produção escrita em séries iniciais da escolarização, abrangendo classes na pré-escola, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries do 1.<sup>o</sup> grau, a fim de: 1.<sup>o</sup> ) observar a natureza das produções escritas realizadas pela criança em relação à escrita convencional; 2.<sup>o</sup> ) avaliar a lógica subjacente inerente à evolução das discrepâncias entre as produções da criança e a escrita convencional, e 3.<sup>o</sup> ) analisar a condução pedagógica do processo de alfabetização em relação à produção de "erros".

O trabalho envolveu professores da pré-escola, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> séries de três escolas (Municipal, Estadual e Particular) e alunos desses professores, escolhidos inicialmente através de sorteio aleatório simples (Mc Call, 1970). Tratando-se de um estudo de natureza longitudinal, os dados analisados referiram-se somente aos participantes das diferentes etapas desenvolvidas no processo de coleta.

Durante o percurso do trabalho, realizaram-se entrevistas, observações e análise da produção escrita.

As entrevistas realizadas incluíram uma conversa inicial sobre as condições familiares e a aplicação de um teste envolvendo questões referentes à escrita figurativa e não-figurativa.

As crianças participaram de entrevistas individuais e coletivas. Essas entrevistas visaram possibilitar uma melhor apreensão das suas condições sócio-econômicas, bem como o seu desempenho escolar e o seu nível de produção escrita.

Foram efetuadas observações para verificar o tipo de comportamento do professor com relação aos alunos e como eles respondiam à sua atuação. Essas observações ocorreram durante o período das aulas e se caracterizaram como naturalísticas. Os dados obtidos em tais observações foram distribuídos em categorias para fins de análise.

Fez-se também a análise da produção escrita da criança em sala de aula, através de seus cadernos escolares, para que se pudesse ter conhecimento de como se desenvolviam as atividades pedagógicas em termos de apresentação dos conteúdos e sua coerência com os níveis de desenvolvimento no que se refere à aquisição da escrita.

A suposta diferenciação no processo ensino-aprendizagem, nas escolas da rede pública e particular, não se acentua nas primeiras análises desenvolvidas.

A dicotomia ensino público / ensino particular passa por uma questão situada não somente no âmbito da escola, mas na instância sócio-econômica e na postura das famílias burguesas e de baixo poder aquisitivo com relação ao conceito de Escola.

A valoração dada à aquisição da leitura e da escrita, assim como aos subseqüentes conteúdos veiculados pela escola, subsidia as atitudes e comportamentos dos pais em relação ao trabalho pedagógico e reflete-se na postura da criança com relação a essa importância, ou não, dadas as atividades escolares.

Não restringimos, porém, o sucesso, ou não, da aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais, à questão somente do interesse e valoração da escola pelos pais de alunos, uma vez que a esse interesse e valoração subjaz toda uma situação concreta de vida.

O sucesso ou fracasso escolar, assim como a evasão e repetência, incluem outros fatores de determinância, que, colocados numa instância mais ampla, se refletem na escola em termos de resultados pedagógicos e sociais.

A alfabetização é encarada, de maneira geral, pelos professores da escola pública e particular, como um processo restrito e mecaniza-

do, levando as crianças, não à produção do conhecimento, mas a uma reprodução dos símbolos gráficos dentro do esquema de uma aprendizagem apenas figurativa e não operativa. (Furth, 1969).

O atrelamento de conteúdos trabalhados à faixa etária da criança, incluindo, nessa perspectiva, a aceitação do conceito de “prontidão” para a aquisição da leitura e da escrita, além da forma como esse processo de aquisição inicial é trabalhado pelo professor, podem interferir para o sucesso ou fracasso nas séries iniciais, facilitando a evasão e repetência nas séries subsequentes.

Esses fatores ligados a outras condições externas, como inserção precoce no mercado de trabalho, vida escolar assistemática para as crianças de classe popular, reforço extra-classe e frequência sistemática à escola para as crianças de origem burguesa, são, entre outros, fatos que dão origem à diferenciação com relação aos resultados obtidos em termos de desempenho escolar pelas crianças de escolas públicas e particulares.

Observamos que o clima dominante em sala de aula é extremamente diretivo e controlador, com alto teor de situações de punição, dificultando o envolvimento e a motivação para atividades produtivas de aprendizagem, não favorecendo que a apropriação do conhecimento na escola transcorra como algo que propicie satisfação.

Constatamos que, nas escolas observadas, são empregadas atitudes que levam as crianças a sentirem que buscar conhecimento é algo desinteressante, difícil e punitivo.

Na maioria das situações, não se recorre à criatividade ou à liberdade para um envolvimento positivo e construtivo nos conteúdos trabalhados.

A análise das tarefas que compõem a rotina escolar evidenciou que boa parte do tempo na sala de aula é preenchido com atividades consideradas irrelevantes à aprendizagem, acarretando desestímulo. Observou-se a existência de grande ênfase na atividade de copiar, abrangendo cópia de vogais, de letras, do alfabeto, palavras, textos, o próprio nome, etc., sendo os modelos a serem copiados apresentados à criança no quadro-negro ou no livro didático.

Constata-se a discrepância entre as programações previstas e o nível de desenvolvimento da criança em relação à leitura e à escrita. Observa-se que, muitas vezes, elas são levadas a utilizar normas gramaticais em

seus escritos, muito embora não estejam no nível de produção de uma escrita alfabética.

Questiona-se, portanto: como aplicar normas em conteúdos inexistentes?

A avaliação dos exercícios escolares de crianças da 1.<sup>a</sup> série demonstrou que, independentemente de suas dificuldades e do momento que vivenciam no processo de aquisição da lecto-escrita, elas são levadas a reproduzir aspectos normativos da língua portuguesa sem que possam ter, ainda, a compreensão de tais conteúdos no processo de aprendizagem.

Assim são desenvolvidos exercícios relativos a: separação de sílabas, substantivo coletivo, afirmação e negação, palavras com c e ç, dígrafos nh, lh, ch, rr, sc, os sons de **qu** e **c**, monossílabo, dissílabo, e trissílabo, sinônimos e antônimos, nomes próprios e comuns, identificação de parágrafos, letra manuscrita e de imprensa, artigo masculino e feminino.

A atenção dos professores privilegia aqueles que apresentam desvios do comportamento esperado, sendo considerados bons alunos os que permanecem numa atitude passiva durante a aula.

De maneira geral, as maiores dificuldades evidenciadas pelas crianças referem-se ao processo de leitura e não ao da escrita, uma vez, que pela forma mecânica como é trabalhada a alfabetização, escrever restringe-se a simples cópia. Grande parte das crianças entrevistadas afirmou que "escrever é fácil, difícil é ler".

Considerando o parâmetro estabelecido pela escola, o número de crianças com dificuldades é muito alto. Cerca de 70% não apresenta um desempenho satisfatório referente à leitura e à escrita, muito embora todas tenham afirmado gostar de freqüentar a escola, e que esta tem a função de propiciar a aprendizagem da leitura e da escrita.

Não se observam por parte do professor atitudes que busquem a compreensão das dificuldades encontradas por seus alunos, muito embora eles revelem preocupações pelo número de crianças que não conseguem aprender a ler e a escrever.

Diante dos resultados obtidos, vimos que o processo de alfabetização desenvolvido, nas escolas públicas e particulares, em pouco se diferencia.

Considerando-se a alfabetização como um processo de apropriação e construção do conhecimento, constata-se que, na verdade, o que ocorre, na prática, é apenas a memorização e reprodução de um conhecimento formal.

Constata-se, também, que, enquanto a escola particular ainda se volta para um ensino de memorização, a escola pública nem isso atinge, favorecendo que ocorra um alto grau de evasão e repetência, deixando sua clientela, a cada dia que passa, mais distante de adquirir pelo menos a leitura e a escrita, essenciais para garantir a participação efetiva do indivíduo numa sociedade letrada.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.
02. FURTH, H. G. **Piaget e o conhecimento: fundamentos teóricos**. Rio de Janeiro, Forense, 1969.
03. MC CALL, R. B. **Fundamental statistics for psychology**. New York, Harcourt, Brau & World, 1970.